

Perfil do estudante universitário está a mudar

Cursos para pessoas inseridas na vida activa promovem a equidade de oportunidades e vêm no seguimento do envelhecimento da sociedade.

ANA PETRONILHO

ana.petronilho@economico.pt

Para além do aumento de receitas próprias, a aposta nos cursos para pessoas inseridas na vida profissional são também encarados como uma forma de responsabilidade social por parte das instituições. E, no futuro próximo, “vamos assistir a uma mudança no perfil do estudante universitário”, defende Ana Nunes de Almeida, pró-reitora da Universidade de Lisboa. Essa alteração vem no seguimento do envelhecimento das sociedades portuguesa e europeia e “tem vindo a transformar a própria condição juvenil”. Todos estes factores, para Ana Nunes de Almeida, “vão ajudar a repensar a universidade portuguesa e as universidades europeias”.

Segundo Joana Soares, responsável do Gabinete de Apoio ao Acesso e Creditação de Qualificações da Universidade de Lisboa, estes são cursos que “promovem a equidade de oportunidades e possibilitam que qualquer indivíduo, em qualquer fase da sua vida, dê continuidade aos seus estudos, numa lógica de reconhecimento de competências”.

Para atrair novos universitários, a Universidade de Lisboa, que faz uma forte aposta neste segmento, tem vindo a divulgar a sua oferta junto das várias faculdades que fazem parte da instituição e do Instituto de Emprego e de Formação Profissional. Para Joana Soares, é através da formação ao longo da vida “que se pode chamar a população activa a participar em actividades e a pensar sobre si à luz de um possível projecto de formação universitária”.

A Universidade do Minho é outra das instituições de ensino superior que tem vindo a apostar neste novo público universitário. Esta escola assume o compromisso como um contributo “para o desígnio nacional de aumentar a qualificação dos portugueses”, explica o reitor Rui Vieira de Castro.

Uma posição partilhada pelo vice-reitor para a Investigação do ISCTE, o sociólogo António Firmino da Costa, que defende que “a formação ao longo da vida se está a difundir e mais pessoas procuram uma formação superior depois de alguns anos de actividade profissional”. Ainda assim, António Firmino da Costa alerta para a existência “de situações de desigualdade social a este respeito, mas são bem menores do que há poucos anos e muito menores do que há poucas décadas”.

Para além disso, o vice-reitor do ISCTE sublinha que estes estudantes representam uma ligação das universidades à vida económica e social. São alunos que “trazem valor acrescentado às universidades porque são pessoas com experiência de vida mais avançada e complementam o seu universo humano”.

É o exemplo de Ricardo Machaqueiro que, após uma má experiência profissional, decidiu agarrar a oportunidade de frequentar um curso do Programa “Maiores de 23”. Para além da valorização pessoal, o aluno finalista de Ciências da Cultura da Universidade de Lisboa, tem como objectivo “potencializar alguns saberes adquiridos e abordar matérias que sempre me interessaram”, explica. Ricardo Machaqueiro confessa ainda que o único factor negativo que aponta a este curso é o valor das propinas, com um valor próximo dos mil euros, “o que resulta numa licenciatura mais cara, se comparada com a dos estudantes que realizam o curso em condições normais”, defende.

Ainda assim, Ricardo Machaqueiro sublinha que “se a vida me tivesse dado essa oportunidade, teria certamente optado pelo estudo mais cedo”.

Este aluno é um dos exemplos de que fala Ana Nunes de Almeida, pró-reitora da Uni-

versidade de Lisboa, quando diz que “muitos dos jovens de hoje vivem com estilos de vida experimentalistas, sem percursos de vida lineares em que ora trabalham ora estudam e que têm uma forma de estar diferente na universidade”.

Sérgio Rocha é outro exemplo: decidiu regressar aos estudos, ao fim de 16 anos de vida profissional, inscrevendo-se na licenciatura de Motricidade Humana no Instituto Piaget, com “com uma maior certeza acerca do percurso profissional pretendido e para obter mais conhecimentos teóricos e práticos na sua área de interesse”. ■

Os novos alunos trazem valor acrescentado às universidades porque são pessoas com experiência de vida mais avançada e complementam o universo humano” das instituições, diz António Firmino da Costa, vice-reitor para a Investigação do ISCTE.